

# ÉPOCA



ISSN 1712-9842

1000



21 NOVEMBRO 2017 | Nº 1000 | R\$ 15,00  
CARGA TRIBUTÁRIA FEDERAL APROXIMADA 4,85%

## O VALOR DA AUTONOMIA

NÃO SÃO PETS: CÃES TREINADOS DÃO AOS  
DONOS NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA

# Leia

para uma  
criança

#issomudaomundo

A parte mais encantada de  
qualquer história é a transformação  
que acontece com a criança.

Mais imaginação e criatividade.

Facilidade de aprender.

Ampliação do vocabulário.

Maior compreensão do mundo.

Fortalecimento da relação entre adultos e crianças.



Peça sua Coleção Itaú de Livros Infantis.  
Acesse: [itau.com.br/crianca](http://itau.com.br/crianca)

Itaú. Feito para você.



# SUMÁRIO

EDIÇÃO 1000 | 21 DE NOVEMBRO DE 2017

## VIDA

### **AJUDA EM QUATRO PATAS** ..... 06

Como cães auxiliam na independência e na inclusão de pessoas com deficiência física

### **ESPECIALISTAS** ..... 14

Entenda as fases de treinamento dos cães e saiba mais sobre as instituições que os treinam

### **A CIÊNCIA FALA** ..... 16

Psicólogos e sociólogos falam dos benefícios dos cães na psicologia e na inclusão social

### **POLÊMICA** ..... 20

Qual o limite do adestramento e treinamento dos cães para auxiliar as pessoas

# DA REDAÇÃO

## Porque a inclusão importa

Esse é um Projeto Experimental realizado pelas alunas do curso de Comunicação Social - Jornalismo do oitavo semestre de dezembro de 2017 da Universidade Anhembi Morumbi.

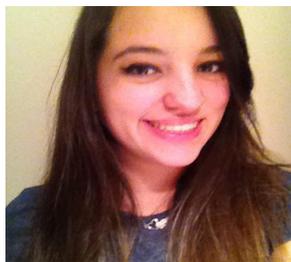
O propósito desta grande reportagem foi dar voz aos usuários de cães de assistência para que cada vez mais pessoas possam conhecer esse serviço e os benefícios que ele traz.

Também quisemos mostrar que pes-

soas com algum tipo de deficiência são capazes de tudo e que o cão traz, acima de tudo, uma inclusão social necessária.

Descobrimos que todas elas têm as suas histórias de superação, mas não deixaram que o preconceito apagasse a sua marca.

Por fim, queremos reforçar que as leis existem, mas que muitas vezes não são seguidas e isso gera um grande impacto aos usuários, que passam por situações constrangedoras e desnecessárias.



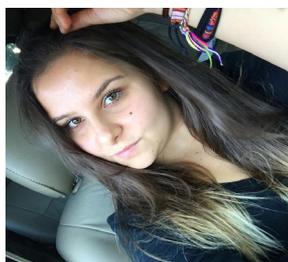
**Camila Alvarez**

Estudante do último ano do curso de jornalismo e amante da fotografia. Entrevistas e texto.



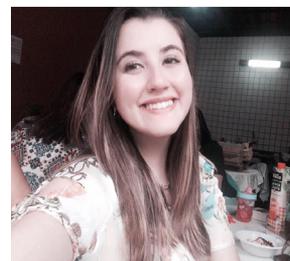
**Helena Ohara**

Estudante do último ano do curso de jornalismo e fã do segmento cultural. Entrevistas e fotos.



**Gabriela Sanches**

Estudante do último ano do curso de jornalismo e apaixonada pela escrita. Entrevistas e texto.



**Letícia Amaral**

Estudante do último ano do curso de jornalismo e fanática por viagens. Entrevistas, texto e diagramação.

A black and white dog is lying on a colorful patterned blanket. The dog is looking towards the camera with a calm expression. The blanket features a repeating pattern of small, colorful, stylized animal faces. The dog's fur is dark with some white patches, particularly around its eyes and on its chest. The background is a plain, light-colored wall.

VIDA

# O VALOR DA

## NÃO SÃO PETS: CÃES TREINADOS DÃO AC

Leticia Amaral (texto) e



**Maracatu é  
um dos cães  
de assistência  
que mudou  
a vida de sua  
dona, Suelen**



# **AUTONOMIA**

## **OS DONOS NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA**

**Helena Ohara (fotos)**



## AJUDA EM QUATRO PATAS

**S**uelen Almeida, de 34 anos, sofre de distrofia muscular. Atualmente, ela mora na zona sul de São Paulo, ao lado de sua mãe e seu cão de assistência, Maracatu.

Mas nem sempre foi assim. Suelen nasceu em São Paulo e se mudou aos cinco anos de idade para a Bahia, cidade natal dos pais, onde cresceu como uma criança saudável até os nove anos.

Foi quando começou a apresentar os primeiros sinais de distrofia muscular: andava com dificuldade e caía com mais frequência do que as outras crianças. No começo, o diagnóstico foi difícil, pois essa é uma doença genética e não havia antecedentes em sua família.

Em busca de um diagnóstico preciso de sua condição, voltou para São Paulo em 1992. Demorou três anos e alguns tratamentos errôneos até chegar na análise final: distrofia muscular do tipo fácio-escápulo-umeral. A doença acomete principalmente a face e os músculos da cintura escapular (ombros e braços), mas a fraqueza também se estende aos membros inferiores, o que justifica o uso da cadeira de rodas.

Voltou para a Bahia em 1995 e retornou para São Paulo em 2007, quando conseguiu uma bolsa de estudos. Nessa época, começou um tratamento pela AACD e conheceu diversas pessoas que tinham a condição parecida ou igual à dela. Por recomendação da terapeuta ocupacional, adotou o uso da cadeira de rodas para ter uma qualidade de vida melhor.

Em 2008, passou em um processo seletivo do Banco Itaú, onde trabalha até hoje. Na ocasião, morava na cidade de Mauá e estudava em Santo André. Como ainda não tinha carteira de motorista nem carro, dependia do transporte público. O que mais dificultava era a falta de acessibilidade nos trens, por isso, ela tinha de ser carregada pelos seguranças das estações para subir e descer as escadas.

Esse fato, porém, não a desanimou. Suelen fica feliz de ver quantas batalhas já venceu para alcançar as suas conquistas. "Eu sempre fui muito determinada e vou até onde eu consigo. O não já existe, se você não tentar, não sabe se consegue".

O primeiro contato com cães de assistência foi anos antes, através da Reatech – Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade. Mesmo encantada com o serviço dos cães, não imaginou que um dia poderia receber a ajuda de quatro patas. Foi no trabalho que conseguiu a ajuda que mudaria a sua vida. A indicação veio de Bruno, um amigo, em outubro de 2016. Ele, cego, usava um cão-guia e conhecia a Bocalan Brasil, instituição que treina e en-



**“IMAGINA A AUTONOMIA QUE EU TENHO COM O MARACATU. ELE ESTÁ ALI”**

treina cães de assistência sem custos.

Na época, a instituição precisava de cadeirantes que se encaixassem no perfil e quisessem ganhar um cão de assistência. "Quando eles me perguntaram se eu aceitaria receber essa ajuda, respondi: o quê? Claro que quero!"

Depois de passar pelo processo de entrevista e seleção da instituição, Suelen ganhou o seu primeiro companheiro, o labrador preto Feijão.



Os primeiros treinos de Feijão com Suelen começaram e, logo depois, a surpresa: o perfil do cão não era o mais adequado para a usuária. Isso porque o animal era muito agitado para o temperamento da futura dona. “Quando a gente começou, eles achavam que o Feijão seria o cão ideal, mas depois eles perceberam que para o meu dia a dia não iria dar tão certo.”

A substituição dos cachorros foi feita. Feijão voltou para a instituição e Suelen recebeu seu novo companheiro, Maracatu, um labrador marrom, ainda bebê, com dois anos de idade. “O Feijão era muito bom, mas o Maracatu é mais sensível”.

Há dois anos, Suelen mora com a mãe na Zona Sul da capital paulista e conta com o acompanhamento de uma psicóloga e de uma fisioterapeuta, que atendem em sua casa.

Já Maracatu passou há pouco tempo pelas últimas fases do seu treinamento específico, por isso, durante a semana acompanhava a dona no trabalho e ficava os fins de semana inteiros em casa.

No trabalho, a principal função de Maracatu é abrir as portas mais pesadas e as gavetas que não estão ao alcance de Suelen, além de apanhar objetos que caem no chão. Para permitir que o cão realize as primeiras tarefas, cordas ficam amarradas nas maçanetas. Ao receber o comando “porta”, por exemplo, ele já sabe que a sua função é abri-la e deixar o caminho livre para Suelen.

## SUELEN ALMEIDA

*Ao lado de Maracatu. Depois da chegada do cão, ela sabe que sua vida melhorou.*

Além desse treino, o cão precisou aprender alguns movimentos especificamente voltados ao ambiente de trabalho da dona, como ajudar com o crachá e segurar a porta de entrada para que não feche.

Maracatu também treinou alguns comandos de permanência e de como ficar corretamente ao lado da cadeira de rodas. Nessa última situação, o cão recebe o comando para andar ao lado esquerdo, pois Suelen usa a mão direita para controlar a cadeira de rodas

elétrica. Assim, caso precise reforçar algum comando, ela o fará com a mão livre.

Já durante os fins de semana em casa, Maracatu não tem muitas obrigações, além de obedecer a eventuais comandos já aprendidos, como pegar algum objeto no chão ou auxiliar em alguma outra tarefa rotineira. Em casa, Maracatu sente-se em um ambiente mais descontraído e gosta muito de brincar e ter momentos de lazer. E, quando chegam visitas, o cão não poupa demonstrações de carinho e alegria.

No trabalho, mesmo quando conhece e gosta das pessoas ao redor, Maracatu sabe que deve permanecer alerta. “Tenho um amigo que Maracatu adora, o reconhece e abana o rabo para ele no trabalho, sem nunca perder o foco”.

Com Maracatu, Suelen reconhece ter mais autonomia, embora saiba que precisa da ajuda e lida bem com essa situação. “Antes, quando caía alguma coisa no chão, eu precisava esperar alguém passar para pedir para pegar para mim. Não que isso seja um problema, eu lido muito bem com isso, mas imagina a autonomia que eu vou ter com o Maracatu. Ele vai estar ali”.

A relação do cão não se resume, porém, à dona, já que ele também é apegado à mãe dela, Maria Almeida. Segundo Suelen, a personalidade de Maracatu é parecida com a da mãe e, nos fins de semana, o cão fica ao lado das duas e as acompanha para todos os lugares. “Quando fico em casa, é o meu momento de descanso. Minha mãe entende isso e é engraçado que Maracatu também. Ele dorme no meu quarto, mas deixamos as portas dos cômodos abertas para ele poder se movimentar e, às vezes, ele deita lá no quarto da minha mãe e fica lá com ela”.

Na fase final do treinamento, foi fundamental que Maracatu e Suelen criassem vínculos. Assim, quando o cão realizar as suas tarefas de ajuda, em vez de receber prêmios em forma de petiscos, se sentirá recompensado ao ver a dona feliz e grata a ele. A criação desse vínculo exigiu que Suelen estivesse com Maracatu em situações importantes para ele, como durante as brincadeiras e na hora de levá-lo “para fazer suas necessidades”.

Suelen não se apressou em ter o amigo ao seu lado todos os dias. Sabe que ele precisou desse tempo para realizar o melhor trabalho possível. “Tem que ser muito natural. Por isso esse momento é tão incrível”.

Maracatu concluiu seu treinamento em outubro deste ano e já acompanha a dona todos os dias. Mas o trabalho ainda não terminou e sempre será necessário. Agora, Suelen deverá reforçar cada vez mais os comandos para ter o seu companheiro sempre pronto a enfrentar, com ela, qualquer problema.

## AJUDA EM QUATRO PATAS

**N**ascida e criada na capital paulista, Mellina Reis, de 34 anos, é formada em Turismo e pós-graduada em gestão estratégica de pessoas, área pela qual se apaixonou depois de uma temporada de trabalho com recursos humanos.

Como Suelen, ela também conta com uma ajuda de quatro patas, iniciada há três anos. Mellina sofre de uma degeneração na retina, chamada distrofia de cones e bastonetes, que leva à perda da visão central, responsável pelo foco.

Foi em 2011 que a sua vida mudou. Devido ao surgimento de uma catarata, que vem progredindo desde então, sua visão piorou. No começo, foi informada pelos médicos que a doença não avançaria, mas o que aconteceu foi exatamente o contrário, e Mellina teve que se adaptar à sua nova rotina.

Com o enfraquecimento da visão, Mellina passou a fazer reabilitação para aprender a usar a bengala e aceitar essa nova fase da vida. No começo, foi difícil, mas ela conseguiu superar, com determinação e uma ajuda especial, que chegou depois de ser contemplada no Projeto Cão-Guia do Sesi SP em parceria com o Instituto IRIS.

Nesse projeto, nove deficientes visuais foram escolhidos para receberem cães-guias. Na primeira fase, três foram entregues. Mellina fez parte da segunda fase, na qual os outros sete cães foram cedidos aos donos. Foi quando Hillary, uma labradora preta, entrou em sua vida e, desde então, tem sido seus olhos.

Em 11 de março de 2014, após alguns anos de espera, a labradora foi entregue à dona. O treinamento completo foi realizado em 30 dias, e a primeira fase, de adaptação com os cães, aconteceu durante 15 dias em um hotel no bairro do Morumbi, em São Paulo.

Durante esse período, Mellina e os outros donos receberam ensinamentos básicos de como lidar com o cão. Depois, na segunda fase, o treinamento continuou em casa.

No início, a relação entre cão e dona não era o que se esperava. "Toda hora que eu ia fazer carinho, ela saía, virava a cara. Achei que ela nunca iria gostar de mim. Foi difícil e triste". O que acontece hoje é muito diferente do que se via antes. Elas são melhores amigas e, segundo Mellina, a personalidade de ambas é igual, incluindo a teimosia.

Ao término do treinamento, os idealizadores do projeto recomendaram que todos os deficientes visuais saíssem na rua com a bengala e o cão. Mas, como Mellina não se sentia confortável para encarar essa opção, preferiu levar Hillary para passear e fazer



### **“JÁ PEDIRAM PARA QUE EU PEGASSE ELA NO COLO PARA ENTRAR EM UMA LOJA”**

suas necessidades dentro do condomínio onde mora.

Quando começou a ser guiada pela nova companheira, a visão de Mellina era melhor do que é hoje. Por isso, ela ainda não aceitava ser totalmente orientada pelo animal. "Ela me guiava para um lugar, mas eu corrigia e queria seguir por outro e muitas vezes acabei batendo a cabeça e tropeçando".



Viajar sempre foi a grande paixão de Mellina e ela nunca deixou que nenhuma dificuldade atrapalhasse a realização de seus planos. Por isso, quando estava com Hillary há um ano, realizaram a primeira viagem sozinhas. Ela queria e precisava se sentir independente novamente e essa seria uma boa forma de se aproximar da nova companheira.

Mesmo apreensiva, animou-se ao ver a alegria da cachorra em estar em um novo local e exercendo o seu trabalho. O resultado foi uma viagem maravilhosa para as duas.

Para expressar todo esse amor por viagens, em outubro de 2016, Mellina criou o blog "4 Patas pelo Mundo", no qual relata suas aventuras ao redor do globo ao lado de sua fiel companheira. Atualmente, ela não está trabalhando e dedica-se 100% ao seu trabalho na internet.

Os destinos já visitados pelas duas formam uma lista grande. Entre eles, estados brasileiros, como Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Também já percorreram diversas rotas internacionais, como Paris, Madrid e Grécia, na Europa, e Orlando, nos Estados Unidos, onde morou por um ano junto com a sua irmã.

Nessas aventuras, Mellina conta que não há muitos empecilhos. Em todas as linhas aéreas, sempre foi bem atendida

## MELLINA REIS

*Sabe que há preconceito por não conhecerem as leis.*

e teve todos os pedidos prévios para a sua cachorrinha atendidos. Hillary se diverte com os passeios, mas, na hora do trabalho, fica bem focada.

Em sua última viagem, com destino a Orlando, Mellina conseguiu diversas parcerias através de seu blog, o que lhe rendeu ingresso para os parques da Disney, além de refeições e aluguel de carro grátis.

Mas, segundo ela, a falta de acessibilidade deixou mais difícil a sua jornada nos parques, que deveria ser um momento de diversão e lazer em família. "O ingresso que tinha era para visitar os quatro parques no mesmo dia. No terceiro parque, a Hillary parou. Estava muito calor e ela simplesmente não andava mais. Quis ir, pelo menos, no brinquedo novo, do Avatar, já que estava lá. Só que não era permitido deixá-la sozinha no local de permanência dos cães, que era em outro parque. No final, tive que alugar uma cadeira de rodas e fiquei com ela no colo nas duas horas de fila. Foi extremamente cansativo porque ainda não há preparação nenhuma para esse tipo de situação".

Quando tiram sua guia, Hillary sabe que está fora do período de trabalho, mas não fica longe da dona e deita-se sempre ao seu lado. Em outros lugares que não a sua casa, a cachorrinha cheira e reconhece o local para depois sentar-se e descansar próxima a Mellina.

Em casa, um condomínio de prédios de alto padrão na capital paulista, Hillary não precisa muito de comandos. Assim que Mellina diz o local para onde precisa ir, ela imediatamente guia a dona, que, ao contrário de antes, segue sem preocupações.

Também dentro do condomínio, os poucos comandos que Mellina dá à sua guia são "esquerda" e "direita", pois Hillary não precisa de reforços para entender e executar aquilo que deve ser feito.

Os cães entregues à Suelen e à Mellina não tiveram custo para elas. As duas organizações treinam os cães e arcam com os todas as despesas enquanto os animais estão sob suas responsabilidades. Porém, a maioria das pessoas, tanto os elegíveis a usarem um cão de assistência, quanto as não elegíveis, não conhecem o trabalho dessas instituições e imaginariam que precisariam pagar altos valores para obter ajuda. À falta de divulgação dessa assistência soma-se a invisibilidade da Lei de nº 11.126, que decreta: "A pessoa com deficiência visual usuária de cão-guia tem o direito de ingressar e permanecer com o animal em todos os locais públicos ou privados de uso coletivo".

O desconhecimento dessa lei pela população, já rendeu a Mellina alguns episódios muito desagradáveis: "Já aconteceu de entrar em uma loja e pedirem para que eu pegasse Hillary no colo, mesmo explicando que ela é um cão-guia. Em outra ocasião, em um restaurante, perguntaram se eu não poderia deixá-la do lado de fora, com alguém olhando. Em todas as vezes, respondi que não, não poderia, porque ela não é um pet".

## AJUDA EM QUATRO PATAS

**L**uiz Alberto Melchert, 61 anos, também é um usuário de cão-guia. Mas se diferencia de todos os outros por um motivo peculiar: treina os próprios companheiros.

A história começou quando ele era apenas uma criança e ainda enxergava. A primeira vez que teve algum contato com cães de assistência foi em uma rua de Nova York, em um dia de neve, onde viu uma fotografia de um cão-guia levando um cego. Mais tarde, quando já tinha 14 anos de idade, estava com a família próximo à cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, e viu o irmão, também cego, caminhar com Diana, uma cadela da raça pastor alemão de criação local.

Segundo Luiz, o irmão passeava sossegadamente e andava para todos os lados com muita segurança. Impressionado, tentou executar a tarefa com outra cadela de criação local, mas bateu a cabeça no primeiro poste. Assim, descobriu os cães-guias e também que eles deveriam ser treinados, começando a pesquisar mais sobre o assunto na Associação Paulista dos Criadores de Cães Pastores Alemães.

Luiz perdeu a visão, vítima de glaucoma, e em 1974 passou a usar cães-guia. O primeiro deles foi Führer, um filhote de Diana. O cão já vinha de uma linhagem boa, uma vez que a mãe nascera sabendo guiar um cego, o que é raríssimo, de acordo com ele.

O treinamento do cão foi feito por Luiz, com o auxílio de literatura importada dos Estados Unidos e do cabo Carlos Briezza, da Polícia Militar de São Paulo. Segundo o dono, Führer herdou a inteligência da mãe. "Fizemos tudo errado no treinamento, mas ele foi um excelente guia até morrer".

O primeiro cão-guia de Luiz, pastor alemão, aposentou-se aos 12 anos. Geralmente, essa categoria profissional de cães para de trabalhar, em média, com oito anos de idade.

Depois de Führer, Luiz esperou três anos até Nina, sua segunda cadela-guia, chegar em sua vida, mas, dessa vez, não participou do processo de treinamento. Depois dela, sempre fez parte de instituições que treinavam os cães e participou do treino de todos os seus animais, até chegar a Gulliver, o quinto e atual cão-guia, que está com ele há quatro anos. "Dizer que é impossível um cego treinar seu próprio cão é absolutamente falso. Temos exemplos disso no mundo inteiro e vários no Brasil. Bom é sempre o cão, treinador e instrutor são coadjuvantes", afirma.

No campo profissional, Luiz tem um currículo invejável: se formou em Economia pela Faculdade de Economia São Luiz, em 1979, onde lecionou Pesquisa Operacional durante o mestrado. Depois, cursou



**“ELE ESTÁ COMIGO TODOS OS DIAS E TODAS AS NOITES, EM TODOS OS LUGARES”**

Economia Internacional na Universidade de Columbia, em Nova York, entre 1983 e 1984.

Entre 1994 e 2013, orientou mais de cem trabalhos de conclusão de curso nos cursos de finanças, contabilidade e agronegócio na Faculdade de Administração de Empresas da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado). Lá, também participou,



em número maior, de bancas de graduação. Também fez parte do corpo docente da UNIP (Universidade Paulista).

Obteve o título de doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo em 2016. Lecionou por 19 anos na e atua, também, como agrônomo, além de presidir o instituto Meus Olhos Têm 4 Patas, que treina e entrega cães-guias. Os cães o acompanhavam na sala de aula e até hoje, para conseguir conciliar sua complicada agenda, inclui o companheiro animal em todos os aspectos do seu cotidiano, e não o deixa de lado nas inúmeras viagens a trabalho. "Ele está comigo todos os dias e todas as noites, em todos os lugares".

Mesmo com a rotina corrida, Luiz supre todas as necessidades do cão e segue a risca uma rotina: cuida para que vá ao banheiro quatro vezes ao dia, coma a cada 12h, tome banho a cada quinze dias, tenha seus dentes limpos a cada refeição, seja escovado com frequência e receba a atenção veterinária que todo animal merece.

No instituto que Luiz preside, os cães são entregues depois de serem treinados em 56 comandos e atenderem com precisão, pelo menos, 70% deles, alguns dos quais imprescindíveis, como encontrar faixas para pedestre, virar à esquerda e à direita, voltar ao ponto de onde saiu, encontrar entradas e saídas dos estabelecimentos e ir até o banheiro.

Como usuário antigo de cães-

## LUIZ MELCHERT

*É um dos usuários mais antigos de cão-guia no Brasil*

*Foto: arquivo pessoal*

guia, Luiz já vivenciou incontáveis episódios de preconceito e discriminação. Para tentar melhorar a vida das pessoas que dependem desse recurso, foi um dos responsáveis pela elaboração da primeira lei de livre acesso dos cães guias, a Lei Municipal de São Paulo nº 12.492/1997. "Durante muitos anos, fui o único usuário do país. Mesmo depois da promulgação da

lei, a discriminação continuou a ponto de eu ter um dedo esmagado por um taxista que bateu a porta na minha mão ao recusar-se a me levar com Honey, minha terceira cadela-guia. Os taxistas e motoristas da Uber são os maiores inimigos dos cães de assistência".

O caso mais chocante de desrespeito que Luiz relatou também envolveu um taxista. "Em quarenta anos de uso, amaldiçoei mais de mil casos assim. O mais incrível foi quando fui fazer uma denúncia acerca de um taxista no Departamento de Transporte Público de São Paulo e a advogada, que deveria zelar pelos meus direitos, ficou do lado do motorista".

A falta de liberdade e a de inclusão social das pessoas com deficiência foram os fatores que mais motivaram Luiz a ter um cão de assistência. Quanto ao preconceito, ele revela que não mudou muito desde que começou a ser auxiliado pelos cães. Mas, apesar das experiências negativas, diz que, mais do que guias, encontrou amigos em seus cães.

Inclusão na sociedade é o principal benefício que os cães trazem, segundo o economista. "Costumo dizer que 30% do que o cão faz é guiar fisicamente e 70% é trazer o usuário para a sociedade. Quando estamos com ele, somos vistos como pessoas resolvidas pela sociedade. Sem eles, o máximo que conseguimos é que alguém se ofereça para nos levar ao banheiro".

Ter diversos cães de assistência também impõe desafios, pois cada animal tem habilidades específicas, repertório, personalidade e limitações. Por isso, o usuário deve aprender junto com o cão desde o início, sem comparar as habilidades entre eles. "Até hoje, somente meu quarto cão tinha alegria em tomar escadas rolantes, então, desço pelas normais".

Quando não está trabalhando, Gulliver fica solto e livre, mesmo quando está no ambiente de trabalho com o dono e, em todos os lugares que frequenta, tem brinquedos à disposição. Luiz também o leva à cachorródromos sempre que possível, para que o cão seja, puramente, um cão.

Além dessa ajuda animal, Luiz considera-se um bom bengalante e usa toda a tecnologia que está a sua disposição para ter uma boa qualidade de vida. A dica final que deixa para aqueles que querem ter um cão de assistência é: persistência. "Seja paciente antes de recebê-lo (o cão), não transfira suas frustrações para ele e, principalmente, respeite suas limitações".

Quando perguntado sobre as melhoras que os cães-guia trouxeram para a sua vida, Luiz é enfático. "Está aí algo que não consigo responder porque não imagino minha vida sem eles, não entendo minha vida sem meus cães".

# A FAMÍLIA EM PRIMEIRO LUGAR

Realizada por famílias voluntárias no início do treinamento, a socialização dos cães de assistência fornece as bases para seu desenvolvimento futuro

### Gabriela Sanches

Cristiane Cassar faz parte de uma das famílias escolhidas pelo Instituto Bocalan Brasil para trabalhar na socialização de cães de assistência. Ajudou no processo de adaptação de Feijão, o primeiro cão de Suelen Almeida, e atualmente cuida de Pitanga, laboradora que convive também com seu marido e sua sogra desde março. Foi na época em que morou na Argentina que Cristiane conheceu a Bocalan e passou a se interessar pelas maneiras como os cães poderiam ajudar as pessoas. “Comecei a estudar o comportamento canino depois que tive um border collie que demandava muito cuidado e piorou quando foi maltratado por um adestrador. Ele não socializava direito, era reativo a tudo e a todos e avançava em todos os cachorros que via”.

Ela conta que a Bocalan é criteriosa na escolha da família socializadora e, ao término do processo, decide se o animal está bem socializado e fará um bom trabalho como cão de assistência. “Vamos compartilhando com eles o que acontece no dia a dia. Quando quero fazer uma coisa nova, consulto antes. Devemos ter a consciência de que o cão não é nosso e que nosso papel é simular situações que ele viverá com seu usuário final”.

Por ter amigos deficientes, Cristiane conhece bem a sua rotina e garante que os cães proporcionariam muito mais autonomia na vida deles. “Para um casal de surdos que tem um bebe, por exemplo, um cão de assistência seria um alívio. É muito importante. É pegar uma coisa que amamos e dar uma função linda pra ele. É maravilhoso”.

Treinadora de cães e socializadora que colaborou no processo de socialização de Hillary, companheira de Mellina Reis, e de mais dois outros cachorros, Paula Sola acrescenta que, além da ajuda técnica, no sentido da autonomia do portador de deficiência, os cães contribuem na inclusão social. “Com um cachorro junto, as pessoas chegam perto e querem conversar”.

Paula relata que faz questão de levar os cães que socializa para todos os lugares a que vai e que já teve dificuldades quando precisou andar com eles nas maiores linhas do metrô de São Paulo. “Já me tiraram

de dentro do vagão. As pessoas olhavam, ligavam para a ouvidoria e denunciavam”.

Sobre o momento em que os cães voltam para a Instituição, ela não nega que o desapego dos animais é doloroso. “Choramos no momento de devolver, mas sabemos que precisamos fazer um preparo psicológico desde o começo. Afinal, é para o bem, é para ajudar um outra pessoa”.

Dona da pet influencer Bella Samioeda e integrante de uma das famílias socializadoras selecionadas pelo Instituto IRIS, Karen Fujiwara explica que, ao se tornar voluntária, pessoa precisa ter a consciência de que o cão não pertence a ela.

Novata na socialização, Karen está com Hero, de cinco meses de idade, há apenas algumas semanas, mas o cão já está engajado na família, que agrega vários pets. “Ele conseguiu assimilar seu nome e estamos construindo um relacionamento sólido. Ele ainda é um filhote que está procurando seu espaço na matilha”.

Quando Karen conheceu o Instituto IRIS e sua fundadora, Thays Martinez, em 2016, se propôs a divulgar o projeto pela sua pet. Para ela, trata-se de uma proposta que vai além da inclusão social porque demonstra amor pelo próximo e mostra que um cão não é apenas um pet, é um assistente, um auxiliar.

De acordo com Kênia Gaedtke, que estuda o papel dos cães na sociedade, é fácil enxergar a diferença entre os papéis de um cão de companhia (pet), de um cão de assistência e de um cão policial, já que as duas últimas categorias têm uma espécie de trabalho, uma função mais específica. “Se pensarmos que a socialização de uma pessoa cega será muito facilitada com a mediação de um cão-guia, perceberemos que o cão de assistência tem um papel social, que pode ser mais compreendido e aceito pelas pessoas”.

O problema, segundo Kênia, é que, quando não há uma compreensão desse papel, o preconceito torna-se inevitável. “O fato é que a maioria das pessoas ainda tem muita dificuldade em lidar com a deficiência, tratando-a como exceção, embora os números nos indiquem que, na realidade, as pessoas com deficiência são uma parcela considerável da população e estão em todos os espaços em que circulamos”.

# PARA CADA NECESSIDADE, UM TREINAMENTO ESPECÍFICO

Criado na Espanha há 25 anos, a partir do reconhecimento da relevância social dos cães-guias, o Instituto Bocalan surgiu com o objetivo de trabalhar com os animais para que prestassem outros tipos de assistência além de guiar.

Hoje com representações em mais de dez países, entre eles, México, Guatemala, Peru, Argen-

tina, Chile e Colômbia, a fundação não apenas realiza treinamentos, mas também promove o estudo do comportamento humano e animal. "Existem muitos critérios para que um cão possa prestar assistência. O mais importante é o temperamento, sem contar, obviamente, uma ótima saúde", explica Rocio Marin, coordenadora e treinadora do Bocalan Brasil.

O instituto realiza testes com os cães desde logo após o seu nascimento até quando completam um ano de idade para

garantir a saúde do animal, que chega ao usuário com todas as vacinas já aplicadas. Depois disso, o temperamento do cão é observado. "O cão precisa gostar do que faz e nós criamos o cachorro pensando nisso", diz Rocio..

O processo completo de treinamento dura em torno de dois anos. "Pegamos um pai e uma mãe com boa saúde e seus filhotes provavelmente serão bons. A partir daí fazemos uma seleção e uma avaliação contínua desses cães para ver se vão conseguir realizar o trabalho. Nem todos conseguem, não é tão fácil".

Para se certificar de que prestará a ajuda apropriada, o Instituto conta com uma equipe que faz avaliações caso a caso, realiza entrevistas e observa in loco a rotina da pessoa que provavelmente receberá o cão de assistência. Rocio explica que é importante correlacionar os tipos de auxílio que cada cão pode proporcionar ao diagnóstico e às

necessidades específicas de cada pessoa.

O processo de treinamento dos cães da Bocalan abrange diversas etapas, a começar pela socialização, quando os animais terão uma vida comum por cerca de um ano na casa de famílias voluntárias. Ao voltar para o instituto, passam pelo treinamento básico, que dura aproximadamente seis meses e destina-se a desenvolver habilidades como sentar e dar a pata, seguido do



**ROCIO MARIN**

*Agora cuida de Feijão como o seu pet*

treinamento avançado, por mais seis meses. Nessa fase, os treinadores buscam entender o temperamento e as características do cão para treiná-lo de acordo com as necessidades de seu novo dono.

Por fim, é realizado o treinamento acoplado, uma etapa de adaptação ao usuário cuja duração varia conforme o caso. "Para uma criança autista, por exemplo, é bem rápida, requerendo não mais que 15 dias de trabalho diário, pois o cão já tem uma função definida. Para os cadeirantes, que precisam de serviços diversos, pode levar mais tempo", finaliza Rocio.

## A CIÊNCIA FALA



*Cris e Paula utilizam de diversos recursos psicológicos para socializar Pitanga*

## SEMPRE AO SEU LADO

Como potencializadores emocionais, os cães de assistência facilitam o desenvolvimento da autonomia e da autoestima. É o que garantem especialistas em psicologia animal

### Gabriela Sanches

Foi pelas mãos e sob os cuidados de Oliveiros Barone Castro, mais conhecido como Lelo Castro, que o primeiro cão de assistência chegou a seu dono no Brasil. Psicólogo especializado em estudar as relações emocionais e afetivas entre o homem e os animais, na empresa da qual é proprietário, a Cães de Assisten-

cia – Centro de Formação e Treinamento, ele trabalha com terapias e interações mediadas por cães.

De acordo com Lelo, para se tornar um cão de assistência, o animal passa por impactos psicológicos e sua transformação depende do modo como são aplicados os procedimentos de seleção, treinamento,

socialização, e formação de dupla, que devem obedecer a protocolos determinados.

A metodologia de treinamento varia de uma instituição para outra e até mesmo de um treinador para outro. "Aqui aplicamos métodos que usam mais o reforço positivo. Mas existem escolas que trabalham com punições (como colocar o animal em caixas de transporte) e restrições (de alimentos, por exemplo), seguindo uma linha, digamos, mais antiga", compara Lelo.

Em todos os métodos há perdas e ganhos que se refletem diretamente não só no resultado final do treinamento, mas também na qualidade de vida e bem-estar do animal. "Quanto mais o cão se sentir confortável exercendo sua função, mais equilibrado será seu comportamento e maior será seu foco. Daí a importância do equilíbrio psicológico dele", explica o treinador. Isso significa que os impactos psicológicos do treinamento na vida do cão acabam sendo quase imperceptíveis quando tudo é feito de maneira planejada, pois assim o cão entende e incorpora sua função como um hábito.

Para o psicólogo, o que os cães de assistência fazem não é realizar um trabalho, mas exercer uma função e devem ter todas as suas necessidades atendidas, incluindo as de estabelecer uma relação de respeito, afeto, cumplicidade e confiança com o ser humano. "Quando colocamos o colete no cão, ele sabe que deve executar tudo o que aprendeu sobre o ato de guiar seu condutor. E, na hora em que o colete é retirado, ele sabe que pode descansar e que está no seu momento de lazer".

Um cão que assiste uma pessoa não proporciona a ela apenas uma melhora significativa em sua vida no que se refere à sua deficiência ou dificuldade específica. O animal serve, como Lelo chama, de "potencializador emocional", que, além de facilitar o estabelecimento de relações e contatos sociais, instiga afetos e incrementa a autoestima.

## Pequenos terapeutas

No campo da assistência psicológica, os cães não são recomendados para todos os casos, como o de pessoas com quadros psicóticos. "Faço uma avaliação global, considerando, de um lado, a necessidade da pessoa e os benefícios que o cão pode lhe trazer e, de outro, a segurança e o bem-estar do animal. Nunca coloco um cão em qualquer tipo de risco ou possibilidade de mal estar ou sofrimento", conta Tatiana Berta, psicóloga especialista em terapia comportamental.

Segundo ela, um cão de assistência pode ajudar psicologicamente pessoas que, em fases agudas de dor psíquica ou física, são submetidas a estresse constante e passam a ter dificuldade de produzir elementos essenciais à regulação do bem-estar. "Nesses momentos de desequilíbrio neuroquímico, todo e qualquer auxílio do ambiente, no sentido de favorecer reações de conforto, é bem-vindo. A companhia de um animal de assistência, ou mesmo de estimação, sobretudo pela disponibilidade e carinho que incondicionalmente oferece, é um grande estímulo para uma recuperação mais rápida".

Diferentemente dos seres humanos, os cães não aprendem atitudes como vergonha ou preconceito, não agindo com embaraço diante do desconhecido. E é por meio da aceitação que o animal auxilia no restabelecimento do equilíbrio emocional, trazendo ao paciente a sensação de segurança. "Ver o cão seguir suas instruções desenvolve a autonomia do paciente, o que se reflete em melhor socialização", esclarece a psicóloga.

Há também uma dimensão pedagógica na relação do ser humano com o animal. Os cães ensinam na prática conceitos como confiabilidade, lealdade e liderança, que podem ser generalizados para o convívio da criança em família e na sociedade. "Ao conviverem com animais, as crianças aprendem a não se importarem somente consigo, desenvolvendo empatia e responsabilidade com o outro, representado pelo animal", diz Tatiana. "Brincar com um animalzinho, por si só, proporciona o calor do afeto e da proximidade, fatores protetivos de diversos transtornos, como os da ansiedade, acompanhada por sensações de medo intenso nas relações".

Além disso, no tratamento de crianças com deficiência de habilidades sociais ou transtornos de desenvolvimento, a presença do cão é um facilitador de calma no momento da terapia e até mesmo em outros contextos, como permanecer sentado num avião. Companhias aéreas brasileiras, a exemplo de outros países, já admitem a presença dos denominados "emotional pets", acompanhando seus tutores, mediante recomendação de um psiquiatra ou psicólogo.

Os cães sempre têm algo a nos ensinar, desde o autocontrole em situações de insegurança até a fidelidade e amor incondicional a quem lhes dá o devido acolhimento e respeito. "A presença desses pequenos terapeutas promovem o apoio emocional necessário para a diminuição sentimentos de medo ou insegurança, além de inúmeros outros benefícios que, a partir da sensibilidade do terapeuta e da abertura do paciente/familiares ao processo, vão sendo descobertos a cada objetivo e experiência promovida", finaliza Tatiana.





Você provavelmente já  
utilizou um medicamento  
da Blau e nem sabe disso.



# TREINAMENTO INTENSIVO PODE SIGNIFICAR MAUS-TRATOS?

O controle rígido do modo como o cão interage com o meio e as pessoas, que faz parte do seu condicionamento para o trabalho, leva à questão de quanto usamos o animal apenas para nosso próprio benefício, sem pensar nas consequências

**Camila Alvarez**

Animais de estimação estão hoje na vida de muitas pessoas. Parentes, amigos, vizinhos, a maioria tem algum animal em sua casa. Como compensação à alegria que os pets trazem, é preciso educá-los e criar um ambiente agradável para esses bons companheiros. Com cães-guias, de serviço e ouvintes lazer e aprendizado, mais do que necessários, são imprescindíveis. Somente assim poderão dar suporte aos donos em suas tarefas diárias.

Mas até que ponto o treinamento intensivo para tornar o animal apto a funções de assistência pode afetá-lo negativamente? A veterinária Elizabeth Estevão, graduada na Universidade de São Paulo, mestre em medicina homeopática pelo IBEH, acredita que um animal, seja cachorro, gato ou peixe, traz a liberdade em sua natureza, tendo que estabelecer algumas regras para sua convivência social.

Segundo ela, o trabalho excessivo, os treinamentos puxados e ter sua vida limitada a interações observadas desde filhote podem levar ao animal a uma vida pouco saudável. "O cachorro precisa ser livre, ter em sua vida diversão, brincadeiras e carinho. Quando existe uma limitação do atendimento a essas necessidades, seu corpo reage, o que pode acarretar consequências futuras. Depressão e desgaste ósseo são alguns problemas comuns nessas circunstâncias."

Uma das técnicas mais eficazes de ensinar os cachorros utilizada por treinadores baseia-se na psi-

cologia behaviorista. Consiste em recompensar o cão quando realiza suas tarefas corretamente, como fazer xixi no lugar permitido, não latir para estranhos ou não correr atrás de outros bichos. Quando o animal é desobediente, uma lata com feijão pode ser utilizada para repreendê-lo. O barulho da lata o assusta e, com a repetição do procedimento, condiciona-o a controlar comportamentos inadequados para evitar a punição.

Formas de ensinar os cachorros a não desobedecerem não são novidades, o problema está no uso exacerbado do adestramento. Criar um ambiente hostil para o animal e repreendê-lo a todo momento torna sua vida infeliz e gera o medo de sofrer punições a qualquer movimento.

Um caso exemplar, envolvendo não um cão de assistência, mas a poodle chinesa Smol Bean, viralizou nas redes sociais em maio de 2017. Na ocasião, Karila Patrícia, no seu blog Diário de Biologia, alertou: "Cachorro, um quadrúpede, andando ereto como um humano, não é bonito, não é fofinho e ele não está fazendo isso porque quer! O que há por trás dessa gracinha é doentio. Os cães sofrem maus-tratos desde que nascem para andarem eretos e fazerem sucesso. O objetivo dos donos é ganhar dinheiro passeando com o cão nas ruas encantando os turistas."

Isso sem contar os abusos cometidos em canis, como um em Osasco (SP), do qual foram resgatados, em setembro deste ano, pelo Instituto Luisa Mell, com



*Mesmo em casa,  
Maracatu per-  
manece focado*

apoio da Polícia Civil e do Centro de Zoonoses e Vigilância Sanitária, animais em péssimo estado de saúde, carentes de tratamentos, vacinas e alguns até de cirurgia. “135 cães das raças lhasa apso, yorkshire e outras sendo torturados em um canil certificado! Todos explorados até a morte para reprodução e venda dos filhotes”, declarou a presidente do instituto em reportagens publicadas na época.

Para o treinador Lelo Castro, proprietário da Cães de Assistência, por serem indivíduos sociais, os cães sentem-se felizes por se relacionarem com pessoas que lhes proporcionam trocas saudáveis e afetivas e que correspondem às suas expectativas, independentemente de terem ou não um trabalho. “Os cães são felizes em sua essência e só o ser humano pode modificar ou estragar isso”, completa.



# AS ETAPAS DO PROCESSO DE APRENDIZADO

Cães-guias são treinados, a partir dos dois meses de idade, a socializarem com outros animais e humanos, a se comportarem adequadamente em ambientes públicos e privados, a não subirem no sofá, a latirem apenas em casos específicos, a terem noção exata de esquerda e direita. Nesse período de adaptação e socialização, o cão vive com uma família voluntária até completar um ano.

Após o primeiro período de inclusão, os cães seguem para o treinamento, que intensifica sua educação. Durante seis meses, escolas especializadas irão ensiná-lo a fazer o seu trabalho, com instruções sobre como identificar escadas, elevadores, portas, cadeiras, como outras coisas que possam ajudar o dono.

Na terceira e última etapa do aprendizado, com duração de cinco semanas, o futuro cão-guia conhecerá seu dono, e ambos, com a ajuda do treinador, começarão a criar vínculo e a se comunicar.

O processo de capacitação de um cão de assistência vai além do adestramento. A personalidade, inteligência, temperamento, comportamento, tamanho são alguns aspectos observados nos cães. Raças mais dóceis, como labradores e golden retrievers, são indicados para o serviço. A mistura entre raças de cães mais dóceis também é indicada para cães-guia.

Já para os cães ouvintes, o adestramento, a socialização e o critério de escolha de raça são mais flexíveis. Cães de todos os tipos podem exercer a profissão, desde que, como os cães-guias, sejam dóceis, inteligentes, calmos e sociáveis.

O treinamento dos cães ouvintes dura de três meses a um ano e tem a finalidade de habilitá-los a informar a seus futuros donos, surdos ou com deficiência auditiva, sobre sons como o de chaleiras, criança chorando, o telefone tocando, se há alguém na porta ou se existe algum perigo.

Há ainda os cães de serviço, que se dividem em diversas categorias e fazem treinamento de acordo com a necessidade de quem auxiliam, como pacientes diabéticos, cadeirantes e autistas. Animais que acompanham autistas, por exemplo, aprendem a deitar no chão quando seu dono está estressado ou agitado, enquanto os designados a ajudar cadeirantes são instruídos a abrir portas, pegar chaves ou telefones e executar outras atividades que as pessoas tenham dificuldade em concluir. Alguns cães são habilitados a monitorar a respiração de pacientes com ataques de pânico, que respiram rapidamente e em curto período de tempo.

Cada treinamento é focado no futuro dono do cão de serviço. O entrosamento entre dono e animal é fundamental nesse período, afinal, serão grandes parceiros por diversos anos. Mas, se mesmo com treinamento intensivo o cachorro tem dificuldade de entender algum comando ou não obedece ao dono, sua substituição é geralmente a solução mais apropriada.



# EQUIPE TRICAMPEÃ MUNDIAL COM A TECNOLOGIA PETRONAS

## LEWIS HAMILTON



Somos 3 vezes campeã consecutiva do Mundial de Construtores da Fórmula 1. E o que está por trás destas conquistas é a alta tecnologia dos produtos PETRONAS, e a determinação da nossa equipe. Isso é só o começo.



\*Segundo a confirmação oficial da FIA sobre os resultados do Campeonato Mundial de Fórmula 1 2016.

# Safrapay

Mais que uma solução de meios de pagamento.  
Acesso exclusivo ao portfólio do Safra,  
com agilidade e taxas competitivas.

